

ANTÓNIO JORGE LÉ



ONTEM...

Os despiques partidários entre progressistas e regeneradores provocaram grandes desenvolvimentos na Figueira da Foz, especialmente entre 1876 e 1886. Os simpatizantes de Fontes Pereira de Melo aproveitavam as páginas do Jornal “Correspondência da Figueira” para difundir os ideais dos regeneradores locais, enquanto que os seguidores de Braancamp compraram o Jornal democrata “Comércio da Figueira” a Alfredo Amorim Pessoa, para noticiarem os seus feitos.

A rivalidade política espalhava-se não só no plano económico, mas também nos aspectos cultural e artístico.

Os regeneradores abriam o Teatro Príncipe D. Carlos. Inaugurado em 8 de Agosto de 1874 e destruído por um incêndio em Fevereiro de 1914, era considerado para a época um dos mais elegantes da província e com uma lotação considerável, atendendo ao número de habitantes da Figueira.

Por sua vez os progressistas, em Dezembro de 1883, e com o objectivo de ultimar pormenores para o arranque da construção de outra casa de espectáculos (que competisse com o Teatro Príncipe), constituem uma sociedade por acções. A primeira assembleia geral é presidida por Joaquim António Simões (comerciante e exportador de vinhos) e secretariada pelo Dr. Jacinto Augusto Santiago Gouveia e Manuel Gaspar de Carvalho.

Segundo se sabe, nesta reunião ficou decidido titular o Teatro-Circo com o nome de Augusto Saraiva de Carvalho, a quem, como já se aludiu, se deve a iniciativa da construção do ramal ferroviário entre Pampilhosa e Figueira da Foz.

Em Abril do ano seguinte iniciaram-se os trabalhos e, volvidos cinco meses (3 de Setembro de 1884 - embora por dificuldades financeiras só seja dado por terminado em Junho de 1885), era solenemente inaugurado o Teatro-Circo Saraiva de Carvalho - a maior casa de espectáculos do país até ser construído o Coliseu dos Recreios em Lisboa.

O desenho do edificio foi assinado pelo architecto José Luís Monteiro. O teatro, amplo e circular, poderia albergar mais de 3 mil pessoas, apesar da lotação oficial marcar 2.200 espectadores (44 camarotes; 120 fauteils; 500 cadeiras e 900 lugares na designada geral).

A pintura do teatro e arco do proscénio, em estilo grego, acompanhava o pano de boca que mostrava em perspectiva a jovem cidade, valorizando especialmente o casario da avenida. Belezas assinadas pelo cenógrafo Eduardo José Machado.

O edifício possuía, no 1º andar, três grandes salões de apoio à sala principal, para além do rés-do-chão onde existiam bilhares e o bufete.

Pelo Teatro-Circo passaram então as melhores companhias estrangeiras de Ópera e os nomes mais importantes do espectáculo lírico internacional.

A INAUGURAÇÃO

Naquela quarta-feira ventosa (3 de Setembro de 1884) a sala esgotou. Colocaram mais 120 cadeiras, para além da sobrelotação da geral. Os preços oscilavam entre 2\$500 e os 120 reis.

Na rua (desde as 7 da tarde) estava a Sociedade Filarmónica Figueirense, também ela com fortes ligações ao partido progressista local, que interpretou animados números musicais até às 8 e meia - hora a que teve início o espectáculo de inauguração.

Depois de ecoar o hino, expressamente composto para o Teatro e de autoria de Francisco Xavier Roth, regente da referida banda, o actor Augusto de Melo declamou uma poesia do figueirense Acácio Antunes.

*Um dia, à beira-mar numa isolada costa,
Onde se ouvia só das vagas o fragor
De rochas eriçada, aos temporais exposta,
Erguera uma choupana um velho pescador*

*A pobre habitação, nos ermos areais,
Veio juntar-se em breve uma outra companheira;
Ao pé dessa ergueu-se outra e outra, e mais e mais:
Fez-se uma povoação às ondas sobranceira.*

*E o marinheiro, ao ver surgir por entre as brumas
Esse branco estendal, risonho, à beira-mar
Julgava nele ver uma ave d'alvas plumas, que,
de voar cansada, ali fora poisar.*

*Foi crescendo, crescendo a pequenina aldeia
A remirar-se na água em curvas ondulantes,
E, qual fada do mar ou lânguida sereia,
Ia atraindo a si, de longe, os navegantes.*

*A aldeia fez-se vila, e foi crescendo ainda.
Tornou-se comercial, cheia de actividade,
Povoada, industrial, e buliçosa e linda,
Até se transformar por fim, numa cidade.*

Por entre poesias, o espectáculo prosseguiu. Na 2ª parte representava-se o drama “As Noites da Índia”, apresentado pela Companhia de Teatro Baquet, do Porto.

Foi uma noite memorável! Estava presente o espírito figueirense, numa clara alusão à jovem cidade que apenas um ano antes começava a ver alinhadas as ruas que faziam o Bairro Novo de Santa Catarina. Sabe-se que o terreno onde fora edificado o Teatro-Circo tinha sido oferecido à empresa construtora por Matias Joaquim Ribeiro.

Atendendo à sempre crescente afluência de banhistas e ao facto de ser um local privilegiado – “ponto de reunião obrigatório das melhores famílias que nessa época visitavam a Figueira” - o edifício sofreu novas modificações e fez surgir, em 1898, o grande palco do Salão Nobre.

Ao virar do século esta casa de espectáculos foi transformada em Casino, passando a ser o pólo de desenvolvimento de todo o Bairro Novo.

Em 1909 a empresa construtora e exploradora do edifício arrenda-o ao francês Croisé D’Ancourt.

A Sociedade Teatro-Circo Saraiva de Carvalho, Lda dá lugar à Sociedade de Turismo Figueirense, Lda.

Em 1928 é fundada pelo Dr. António Sotero, entre outros, a Sociedade do Grande Casino Peninsular, S.A.R.L. que adquire o edifício e obtém a primeira concessão da Zona de Jogo.

Dificuldades financeiras da empresa levaram a que esta, por execução de hipoteca a "A. Piano Junior", viesse a ser englobada pelo Grupo C.U.F..

Por não cumprimento da cláusula contratual de construção de um hotel, foi a concessão rescindida pelo Estado em 1946.

O Casino abria sazonalmente....

Em 20 de Julho de 1948 foi fundada por alguns figueirenses, nomeadamente Arménio Faria, Dr. Ernesto Tomé, Augusto Silva, João Costa, Carlos Mendes e João Simões a Sociedade Figueira Praia, S.A.R.L., em substituição da Sociedade do Grande Casino Peninsular, S.A.R.L., tendo

obtido novo contrato de concessão de jogo. Nascia a Sociedade Figueira Praia. (S.F.P.)!

A sociedade, constituída com capital insuficiente (10 pessoas que possuíam 56 mil acções), viu-se na necessidade de admitir novos accionistas em 1951 por cedência a outros figueirenses de 60% do capital social.

As obras de construção do Grande Hotel, para além de outros motivos, conduziram a Empresa a uma situação financeira caótica, que levou à constituição, em 1957, do primeiro Conselho de Administração.

Os anos de 1957 a 1963 foram o período de recuperação da Empresa.

Em 1967 realizou-se o primeiro aumento de capital e foi possível pagar-se o primeiro dividendo aos accionistas.

Com o decorrer do tempo, a Sociedade Figueira Praia foi crescendo. Em 1969, com a assinatura do terceiro contrato de concessão e a compra do Palácio Sotto Mayor e terrenos adjacentes, iniciou-se o grande período de expansão da Empresa.

Refira-se que a S.F.P. é a concessionária mais antiga do país e a única com contratos assinados de 1948 a 2005.

O "PÁTIO DAS GALINHAS"

O ambiente excitante do picadeiro encontrava no *Pátio das Galinhas* o repouso ambicionado. Todas as ruas do Bairro Novo convergiam para esse curioso átrio do Grande Casino Peninsular.

Numa interessante exposição de António dos Santos e Silva, no trabalho “Figueira da Minha Infância”, o *Pátio das Galinhas* “era o coração e o vero templo daquilo tudo.

Um gradeamento alto, a toda a frente, uma ampla cobertura de pano listado, as mesinhas de ferro, brancas e redondas, as cadeiras de verga onde se reclinavam vultos elegantes. Era um espaço fundo e sombreado, com um *esquise* perfume e um certo langor mediterrânico.

Nos passeios dos cafés, senhoras e senhores cavaqueavam toda a tarde. A juventude circulava, no picadeiro, em moto-contínuo, namoriscando. E as crianças corriam desalvoradas entre o caudal humano, entrando e saindo dos cafés, espiano cada canto, chupando bananis, finos como agulhões, a meio tostão cada.

Todos os cafés tinham a sua orquestra, para as valsas de Strauss e os tangos de Gardel, mas o clássico Europa primava por um quarteto.

Pelas cinco da tarde chegavam os músicos, de escuro e compenetrados. Retiravam das caixas os envernizados instrumentos, compunham as partituras nas estantes metálicas, afinavam as cravelhas e, depois de olharem a assistência até o vozear abrandar, atacavam”. (...)

Os mais pequenos deliciavam-se ao ouvir “a Marcha Turca, as Czar-das e a Rapsódia Portuguesa de Rui Coelho! No fim, palmas e o agradecimento discreto dos artistas”.

Tanto se podia dizer do velho Pátio das Galinhas...

AS GARRAIADAS

Por vezes vêm à ideia as célebres garraizadas infantis no então Salão de Inverno!

Usavam-se capotes e muletas com elegância e arrojo, num falso rondel, com a trincheira a servir de obstáculo à fantasia que dominava o olhar feliz da pequenada.

A abrir o espectáculo saíam para as cortesias os cavaleiros de palmo e meio, levando as improvisadas montadas a passo e com garbo. Saudavam com vénia (de cabeça descoberta) as galerias, como de um camarote real se tratasse. Vestiam à marialva: casaca bordada, tricórnio de plumas e bota alta. Neste belo desfile (várias vezes acompanhado pelo clarinete do maestro Santos Rosa) seguiam os forcados.

Os mais pequenos levavam com eles a valentia e a graça. Os ferros, para o uso da lide, eram cópia fiel daqueles que picavam a serio... luzia um toureio bordado, bonito e rico de adornos.

Tocava o clarim para o primeiro da tarde e começava a festa que tradicionalmente era adoçada com um chocolate cujo sabor ainda se guarda.

Tardes que os miúdos confundiam com aquelas que os “grandes” viam cá fora. Era o homem da trompete a subir a Rua da Fonte, os dourados que brilhavam no azul escuro das fardas da Filarmónica Figueirense, quando emprestava às marchas um sabor *torero*, ao subir a Rua da Liberdade com destino ao Coliseu Figueirense - episódios soltos de dias quentes de Verão, tardes que marcam um rosário infindável de recordações.

Refira-se que o Casino da Figueira era o único casino do mundo a promover este tipo de manifestações tauromáquicas.

As festas infantis, no decorrer dos anos, foram também privilegiadas. As “corridas de triciclos” davam tardes de grande diversão...

O CINEMA

A primeira sessão de cinema na Figueira da Foz aconteceu no dia 15 de Agosto de 1896, no então Teatro-Circo Saraiva de Carvalho.

No espectáculo, em que duas das partes eram preenchidas pelo *Animatógrafo*, actuavam ainda um grupo de acrobatas japoneses, os músicos cómicos *Brettos*, o equilibrista Mr. Lamore, entre outros.

Cada sessão era preenchida pela exibição de 20 quadros, contendo cada um sequências de mais de 900 fotografias. Nesta apresentação foram dados a conhecer quadros coloridos, como a “Dança Serpentina” e “Loja de Cabeleireiro”.

Em 20 de Agosto de 1896, o Jornal “O Povo da Figueira” refere-se ao facto, escrevendo: “há muito que não vemos nada que mais despertasse a atenção do público”.

A partir desta data, a Figueira agarra forte o cinema. Em 1897 é rodado na então jovem cidade a película “Os Banhistas da Figueira” - um dos primeiros registos cinematográficos portugueses.

À excepção de Lisboa e Porto, a Figueira da Foz foi a primeira cidade portuguesa a editar um jornal especializado em cinema.

As lutas entre os adeptos do *film* falado e os mais conservadores, que encontravam no cinema mudo o cenário ideal para os encantos da mímica, não se fizeram esperar. A *Arte Muda* competia fortemente com os então apelidados de *Talkies*...

Refira-se que o cinema chega a Portugal a 18 de Junho de 1896. Pouco tempo depois o *Cinematographo* fez exhibições no Porto e Espinho, antes de passar pela Figueira da Foz.

Outra sala importante na cidade foi a do Teatro Parque-Cine.

Em 1965 realizou-se a Semana Internacional do Filme Amador. A Sociedade Figueira Praia colaborou na organização do certame que teve como principal impulsionador Severo da Silva Biscaia, então presidente da Comissão Municipal de Turismo.

Nos anos 70, com a Semana Internacional de Cinema, inicia-se uma outra fase da sétima arte: surge o Festival Internacional de Cinema.

Com o desaparecimento do Teatro-Cine Peninsular, surgiram dois novos espaços: o Cine-Casino e o Cine-Estúdio. Presentemente, após obras de remodelação, ambas as salas estão equipadas com a mais moderna tecnologia ao nível do som e imagem.

Em Agosto de 1996 o Casino da Figueira assinalou o 1º centenário do cinema, com a edição de um opúsculo que evocou a efeméride e uma homenagem póstuma a Joaquim Jorge da Silva (“Quim Charlot”), que durante 62 anos trabalhou na cabine do Peninsular.

OS ESPECTÁCULOS

Em 1 de Junho de 1935 realizou-se uma das maiores festas de “sentimento bairrista e de inspiração humana de que há memória na Figueira”, homenageava-se publicamente Manuel Dias Soares - autor da Marcha do Vapor.

Os Festivais da Canção marcaram igualmente os anos de ouro da música em Portugal. A orquestra ligeira da extinta Emissora Nacional acompanhava os intérpretes que participavam neste certame e que, durante alguns anos, foi televisionado.

Nomes como Maria Clara, Francisco José, Simone de Oliveira, Tony de Matos, Tonicha, Alice Amaro ou António Calvário integravam o leque de vozes presentes no Casino Peninsular.

No então Salão de Inverno os espectáculos não paravam! As Festas à Portuguesa, os arraiais em honra de S. João ou a eleição de Miss Espanha, ao som de orquestras de fino recorte musical, sublinhavam noites de glória.

O maestro José Santos Rosa e o seu conjunto animaram durante vários anos as épocas do Casino. À guisa de recordação ficam ainda o vocalista José Nobre e o pianista Angel Peiró.

Nomes grandes da canção internacional actuaram nesta casa de espectáculos. Júlio Iglésias (nos anos 70), Paloma San Basílio, Martinho da Vila, Rosana, Amália Rodrigues - homenageada várias vezes, a última das quais em Abril de 1990 -, foram algumas das vedetas que pisaram o palco figueirense.

Por esta época e ao longo do tempo, são de salientar ainda outros nomes que marcaram os destinos da Empresa: Luciano Coelho, Álvaro Borges, Pereira da Silva, Freitas Lopes, Carlos Cardoso, Fernando Ribeyrite, Vítor Pais, Mário Maduro, Coelho Jordão, Fernando Alves do Vale, Daniel Santos e Mário Cardoso.

Para além de Amália Rodrigues, uma outra figura importante do panorama artístico nacional está perpetuada no actual Salão Nobre do Casino. Em 7 de Dezembro de 1990, foi descerrada uma placa de reconhecimento à cantora Maria Clara, bem como aos autores da popular “Canção da Figueira”, pela forma como divulgaram esta cidade-praia.

Entre os inúmeros agrupamentos que fizeram o delírio musical de muitos serões, destaca-se a orquestra “Caravana”, “Los Gansos Cantores”, “Andrea Tosi”, “Lino 44”, “I Don Giovanni”, “Tony Escudero” e mais recentemente “Los Windys”, Eduardo’s Band, Silva Cascão (e a voz de Jaime Sossega) e Sygma Band (com Domingos Fu).

Os maestros Aurísio Pinheiro, Ferrer Trindade, João de Vasconcelos, Armando Catorze, Shegundo Galarza, Tavares Belo e Mário Simões merecem igualmente referência nestas páginas.

Em 1972 o Grande Casino Peninsular conhece outro rosto! As obras alteram profundamente o seu aspecto exterior. O arq. Isaías Cardoso foi o autor do desenho, enquanto que a decoração interior foi assinada por Daci-ano Costa.

A escultura colocada no alçado principal, e que ainda hoje embeleza sobremaneira a fachada do Casino, foi concebida pelo figueirense Gustavo Bastos.

Três anos mais tarde passa a funcionar permanentemente a Zona de Jogo da Figueira da Foz (até então o Casino abria somente de Maio a Outubro).

A Empresa aumenta o parque hoteleiro e rubrica, em crescendo, uma série de iniciativas e investimentos.

Os congressos começam, nos anos 80, a preferir as salas do Casino. O congresso da APAVT (Associação Portuguesa das Agências de Viagens e Turismo) foi pioneiro ao nível das grandes reuniões na Figueira da Foz.

Outro congresso que marcou a cidade foi o que elegeu o prof. Cava-ço Silva como líder partidário e posterior primeiro ministro de Portugal.

Eventos desportivos, de moda e beleza marcaram também a actividade do salão principal do Casino. Por outro lado a Boate e o Piano-Bar constituem igualmente espaços importantes na vida nocturna da Figueira.

Como se pode verificar, ao longo dos anos viu-se circo, ópera, cinema, teatro e os melhores espectáculos de variedades! As festas regionais e os concertos clássicos fizeram outras ofertas de animação. A Gala Interna-

cional dos Pequenos Cantores, as Jornadas de Teatro Amador, organizadas pelo Lions Clube da Figueira, o Festival de Temática Histórica (em 1984 aquando do 1º centenário do Casino, que teve como vencedor o cantor Carlos Paião), o Grande Prémio da Música, onde surgiram novas vozes, e mais recentemente o Prémio Prestígio/94, preencheram o imaginário do público.

O melhor do espectáculo passou pelos palcos do Casino. O ballet espanhol “Carmen Rojas”, o grupo “Malon Argentino” e a produção Pierre Frank Show destacaram-se pelos desenhos coreográficos e pela força estética que emprestavam aos shows diários.

Por entre cantores, mágicos ou acrobatas, era o saltitar jovem das bailarinas que ritmavam a noite.

O JOGO

Os tectos e os espelhos reflectem uma época. Na sala de Jogos tradicionais, onde as linhas arquitectónicas obedecem a critérios, sobressaindo a beleza e a elegância, colocam-se fichas, lança-se a sorte em números mágicos que depois viajam numa jogada infinita. Entusiasmante!

Actualmente 2 roletas americanas, 4 bancas francesas, 2 black-jack e 9 roletas francesas povoam a sala (outrora o Salão Nobre).

João Melo Gonçalves (vulgo “Padre Nosso” e que trabalhou com o cenógrafo Rogério Reynaud), refrescou as pinturas nos anos 60. Foi um trabalho importante de preservação daqueles arabescos plenos de actualidade e de técnica artística.

É um espaço pejado de História. Em 11 de Agosto de 1940, culminando uma extraordinária noite de arte, foi descerrada uma placa recordando os artistas refugiados na Figueira.

Charles Vaida, Lazio Muller, Olga Valery, Sonio Consertidis, Witold Malcuzinsky - estes são alguns dos vultos perpetuados no mármore...

Para além do tradicionalismo que está ligado ao jogo, surgem outras opções mais actuais, utilizando a própria tecnologia: slot machines e bingo, são atractivos diferentes, mas ligados pela permanente empolgância que lhes está subjacente; espaços de animação que sublinham o quotidiano do Casino da Figueira.

Entre o espectáculo e a arte, está a emoção, elo de ligação de todas estas linhas de diversão e prazer.

Em 1970 foram instaladas as primeiras máquinas (50 unidades) electro-mecanicas de 2\$50 e 5\$00. Dois anos depois, eleva-se para o dobro o número de slot-machines.

As primeiras máquinas electrónicas chegam à Figueira em 1984 (25\$00 e 50\$00). Presentemente são cerca de 250 unidades onde a alta tecnologia impera, exemplos da vídeo roleta e das “corridas de cavalos”, numa sala nova e elegante.

Os anos 80 trouxeram festas com muito colorido. João Mário Penicheiro idealizou inúmeros *décors* que serviram de fundo a um vasto conjunto de realizações. Foi neste palco que se estreou, sob a batuta do maestro Duarte Gravato, o actual e prestigiante Coral David de Sousa.

Em Março de 1990 a Sociedade Figueira Praia conhece outra página da sua história. O Grupo Amorim adquire a maioria das acções da Empresa e investe forte na região. O empresário Américo Ferreira de Amorim imprime outra dinâmica ao Casino da Figueira. Depois da construção do edifício Portugal, surgem as obras no actual Hotel Mercure e do Café Nicola.

Com mais de 1 milhão de contos, foram renovadas as várias salas do Casino. O Salão Nobre, sem abandonar a sua linha arquitectónica primitiva, recuperou prestígio, segurança, conforto e beleza estética, numa ideia de Fernando Jorge Correia.

O SALÃO NOBRE

Com a presença de várias personalidades nacionais, o Salão Nobre reabriu oficialmente ao público em 17 de Janeiro de 1997!

O anfitrião, Américo Amorim, brindou os convidados com um concerto musical de alto nível artístico. Actuou a “Wiener Strauss Capelle”. Este agrupamento, fundado pelo próprio Johann Strauss, viajou (em exclusivo) da Áustria a convite do Grupo Amorim.

O espectáculo utilizou partituras originais do referido compositor e passou por um repertório autêntico e especificamente seleccionado para o Casino da Figueira.

NOTA:


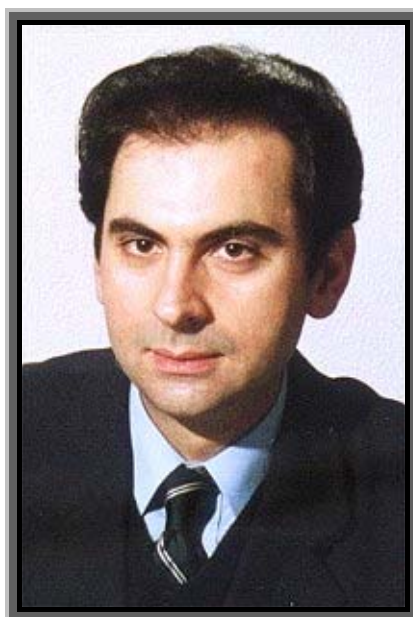
Esta edição electrónica é uma reprodução quase integral da versão impressa do livro "Casino da Figueira – Saltitando pela História" da autoria de António Jorge Lé, editado em 1997 pela Sociedade Figueira Praia, Sa. e de distribuição gratuita.

Para saber mais sobre António Jorge Lé e eventualmente obter outras obras visite regularmente a sua página na Internet em: <http://figueira.net/jorgele>

A presente edição deste livro (disponibilizada gratuitamente através da Internet) é resultado de um protocolo de colaboração entre o Autor deste livro e a Figueira.net – A Figueira da Foz na Internet (<http://figueira.net>) de António Cruz.

O Autor autoriza a reprodução desta obra livre de quaisquer encargos desde que a mesma permaneça rigorosamente inalterada. Toda e qualquer reprodução (integral ou parcial) terá sempre de identificar o Autor (António Jorge Lé) e a origem. Se não cumprir estes requisitos estará a lesar a propriedade intelectual e material do Autor.

O AUTOR:

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'António Jorge Lé', written in a cursive style.